

Aspectos Demográficos da Raça Cão de Fila de São Miguel



- Uma Raça "Vulnerável".

O Cão de Fila de São Miguel tem o seu solar na ilha de São Miguel do arquipélago dos Açores, como o próprio nome da raça indica.

A sua área de distribuição principal inclui a sua região solar, a Ilha de S. Miguel, a ilha da Terceira, a ilha do Pico e Portugal Continental. Actualmente, já existe um número bastante significativo de exemplares desta raça no Continente, presença que até há menos de uma década foi bastante discreta.

É a única raça autóctone portuguesa reconhecida de Cão Boieiro. Classificada como Cão de Condução de Gado, é principalmente utilizada na guarda e condução de gado leiteiro e, pelos seus atributos, é conhecida como "Cão de Vacas". Também tem sido utilizado, com êxito, como cão de montaria para a caça ao javali, como cão de guarda de propriedades e equipamentos agrícolas e como cão de defesa pessoal, encontrando-se inclusivamente alguns exemplares ao serviço da Guarda Nacional Republicana (G.N.R.) e da Polícia de Segurança Pública (P.S.P.).

O estalão do Cão de Fila de São Miguel foi

redigido pelos Drs. António José Amaral, Luís Mexia de Almeida e Maria de Fátima M. Mendes Cabral e aprovado pelo Clube Português de Canicultura a 19/12/1984, vindo a ser revisto a 24/08/1993. A 10/03/1995 a raça foi provisoriamente reconhecida pela Federação Cinófila Internacional (F.C.I.), pelo período de 10 anos, após os quais este reconhecimento se tornaria definitivo. Foi uma das últimas raças caninas autóctones portuguesas a obter o reconhecimento a nível nacional e, até aos dias de hoje, a última a obter o reconhecimento internacional.

Em 1991 foi fundado o Clube do Cão de Fila de São Miguel (CCFSM) e a primeira Monográfica do Cão de Fila de São Miguel ocorreu a 26 de Setembro de 1993.

Embora o reconhecimento oficial desta raça só tenha ocorrido em 1984, a denominação de Cão de Fila de São Miguel aparece pela primeira vez numa fotografia per tencente ao Clube Português de Canicultura, datada de 1938.

No período entre 1985 e 2001 inclusive, procedeu-se ao registo de um total absoluto de 4.024 exemplares da raça nos Livros de Registo do Clube Português de Canicultura.

O número de registos no Livro de Origens Português (L.O.P.) é muito semelhante ao número de inscrições no Registo Inicial (R.I.), mais precisamente, do total de registos, 50% correspondem a animais inscritos no R.I. e 48% a animais inscritos directamente no L.O.P., sendo os restantes 2% referentes a animais registados no R.I. e posteriormente transferidos para o L.O.P. por excelente classificação dos exemplares em exposições (Figura 1).

Distribuição dos Registos por Classes
n=4024

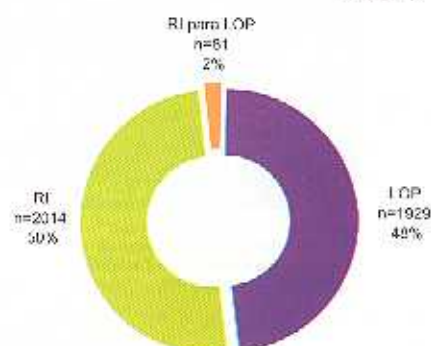


Figura 1: Distribuição do total de registos do Cão de Fila de São Miguel nos Livros de Registo.

As primeiras inscrições no R.I. ocorreram logo após o reconhecimento da raça em Portugal, ou seja, em 1985. O primeiro registo no L.O.P. provindo de R.I. foi realizado em 1987 e o primeiro registo directo no L.O.P. em 1991 (Figura 2). Factos totalmente justificados, uma vez que, quando esta raça foi aprovada, já existiam os dois Livros de Registo (o L.O.P. desde 1932 e o R.I. desde 1937) e que, segundo a regulamentação em vigor no Clube Português de Canicultura, só podem ser registados no L.O.P. animais com toda a ascendência, até à terceira geração (ou seja, até à linha dos bisavós), registada no Clube; cujos progenitores já estejam registados no L.O.P.; ou animais já registados no R.I. que obtenham a classificação de excelente em exposições homologadas pelo Clube. Todos os exemplares de raça que não preencham qualquer um destes critérios deverão ser inscritos no R.I.. Uma análise temporal permite-nos constatar que o número de exemplares registados se manteve muito reduzido até 1992, não excedendo os 91 exemplares registados no primeiro ano (1985).

Número de Registos Anuais do Cão de Fila de S. Miguel

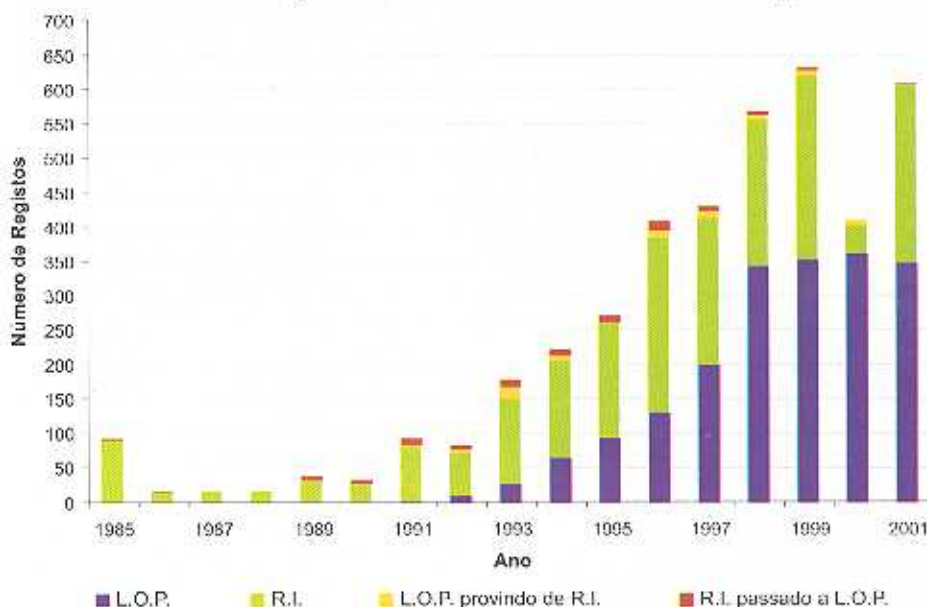


Figura 2: Histograma dos registos anuais do Cão de Fila de São Miguel nos Livros de Registo.

Entre 1992 e 1999, verificou-se um aumento gradual do total de inscrições anuais. Sendo que entre 1992 e 1998, foi constatada a

ocorrência de um incremento no número de registos no L.O.P. Desde este último ano a quantidade de inscrições anuais neste Livro tem excedido o número de inscrições no R.I. e tem-se mantido relativamente constante (ao nível dos 350 exemplares). Em 1999, o número de inscrições anuais atingiu o valor máximo verificado (N=627), devido à ocorrência de um elevado número de registos no R.I. (N=268, o maior número de inscrições anuais detectadas neste último Livro).

O maior número de registos anuais no L.O.P. ocorreu em 2000 (N=368), embora neste ano se tenha verificado uma diminuição no total de inscrições, causada pela diminuta quantidade de registos no R.I..

Actualmente ainda é verificada a ocorrência de uma proporção bastante significativa de registos no R.I., o que significa a ocorrência de um recrutamento crescente de animais aptos para reprodução, nomeadamente na população autóctone de São Miguel, bastante importante para uma eficiente gestão raça.



AJUDE A DIVULGAR AS RAÇAS PORTUGUESAS

COLABORE CONNOSCO

ONE FRIEND EDITORA - Revista "Os nossos Cães"

Apartado 43 • 2811-801 FEIJÓ

Tel: 21 294 75 93 • Fax: 21 294 80 60 • E-mail: osnossoscaes@clix.pt



Como se pode verificar pela análise da figura 3, o número de machos e fêmeas inscritos demonstrou um desvio significativo nos primeiros dois anos, com uma maior representatividade dos machos.

Desde 1987, a relação macho/fêmea tem-se demonstrado equilibrada, embora exista um número de machos superior ao de

fêmeas desde 1993. A existência de uma relação próxima de 1, entre o número de fêmeas e de machos, sugere a possibilidade de ocorrer uma eficiente gestão dos efectivos, promovendo uma adequada manutenção dos níveis de variabilidade genética e prevenindo o aumento dos níveis de consanguinidade.

Segundo a legislação em vigor, estabelecida pelo Clube Português de Canicultura, os exemplares da raça Cão de Fila de São Miguel poderão entrar à reprodução com 1 ano de idade e as fêmeas poderão ser utilizadas em cruzamentos até aos 8 anos.

Assim, segundo a actual definição de estatuto de risco de uma raça, elaborada pela Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO) em 1992, o Cão de Fila de São Miguel encontra-se em estado "Vulnerável" de conservação desde 2000. Esteve em estado "Crítico" de conservação até 1991 (6 anos após os primeiros registos de exemplares desta raça nos Livros), facto que já era esperado considerando o ano de reconhecimento da raça. E, entre 1992 e 1999, encontrou-se "Em Perigo" de extinção.

Embora esta raça não ocupe ainda o estatuto de "Sem Risco" (que corresponde à existência de um número superior a 10.000 fêmeas em idade reprodutiva), tem demonstrado uma tendência constante para o aumento demográfico e para perder os estatutos de risco de extinção, uma vez que, desde o início dos registos, se tem verificado o aumento gradual do número de fêmeas em idade reprodutiva e o número de registos no R.I. se tem mantido elevado, facto que comprova a existência de um considerável número de exemplares da raça por registar. Em 2002 foi delectada a existência do maior número de fêmeas em idade reprodutiva (N=1.483).

É de salientar mais uma vez e à semelhança do que já foi referido para outras raças, que, para uma correcta avaliação dos aspectos demográficos e uma eficiente gestão dos recursos da raça, é indispensável a integração dos dados genealógicos e morfológicos existentes, o conhecimento sobre a data e causa de morte dos exemplares e a elaboração de um censo preciso dos animais por registar e da sua qualidade. Apela-se mais uma vez à participação dos proprietários com os seus cães em concursos, de forma proceder-se ao registo destes novos exemplares, e ainda para que informem o C.P.C. da data e causa de morte dos animais. É imprescindível a actuação do Clube de Raça (que tem efectuado um excelente trabalho ao promover sessões de registo para cães oriundos do solar) e dos criadores na dinamização destes aspectos e na procura de novos exemplares por registar.

Relativamente à caracterização genética, o

Percentagem de Registos por Género

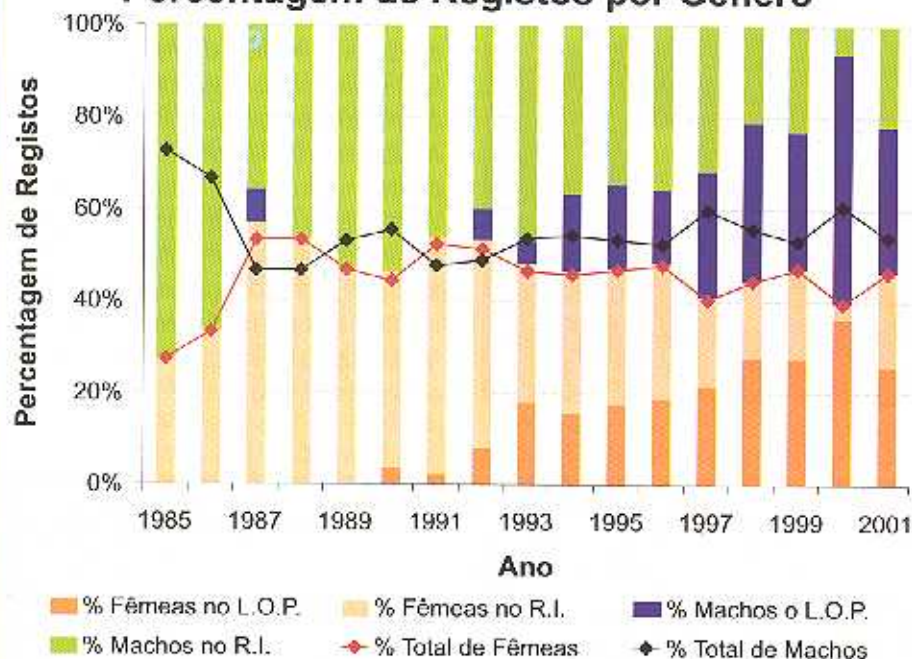


Figura 3: Percentagem de registos do Cão de Fila de São Miguel por género.

Cão de Fila de São Miguel apresenta uma variabilidade genética superior à maioria das restantes raças caninas autóctones, apesar de se tratar de uma raça insular, e consanguinidade pouco significativa, o que reflecte provavelmente a juventude desta raça e uma gestão não inadequada por parte dos criadores e proprietários.

Alguns factos que também podem estar na origem destes elevados níveis de variabilidade são: a própria origem da raça, para a qual se supõe a utilização de exemplares de raças distintas do Continente Europeu, aquando a colonização do arquipélago, ou devido à utilização desta ilha como Posto nas rotas comerciais marítimas; o seu recente reconhecimento e, por conseguinte, um efeito da selecção artificial, com o objectivo na obtenção de exemplares para exposição, ainda pouco marcante; a existência de uma elevada proporção de registos no R.I., ou seja, de animais de solar ainda pouco apurados; e a existência de uma proporção de machos semelhante à das fêmeas, o que poderá significar um tamanho populacional efectivo (aquele utilizado em reprodução) elevado e semelhante à dimensão populacional (todos os animais que fazem parte da população), e consequentemente uma utilização adequada e variada dos reprodutores.

Com base na análise comparativa das populações do solar e de canicultura, já se verifica a ocorrência de uma diferença significativa nos níveis de variabilidade genética, constatando-se a existência de uma



variabilidade superior na população proveniente do solar. Este resultado está de acordo com o facto do núcleo do solar ser a fonte de animais para a raça e sobre estes ser exercida uma menor pressão selectiva. É importante a selecção criteriosa dos acasalamentos, devendo-se seleccionar animais de linhagens diferentes de modo a manter estes níveis de variabilidade genética.

De salientar ainda, a publicação recente de um livro dedicado inteiramente à raça Cão de Fila de São Miguel, da autoria do Dr. António José Amaral e Dr. Vítor Veiga. Nele se abor-

dam e exploram diversos aspectos da raça, desde as suas origens, ao seu futuro, passando pelo estalão, morfologia, genética e referência aos cinólogos com responsabilidade sobre manutenção do Cão de Fila de São Miguel na actualidade. Esta publicação deverá reunir toda a informação disponível, até ao momento, e é leitura obrigatória para todos os interessados na raça e na canicultura em geral.

Os nossos agradecimentos muito especiais à Dr.ª Fátima Cabral, pelo acesso a algumas amostras durante uma época de recenseamento de animais do solar, aos muitos proprietários e criadores da raça, pela cedência de amostras, e a todos os membros: do Clube Português de Canicultura, que nos facultaram o livre acesso aos registos individuais caninos; do Grupo Lobo, que é a entidade responsável pelo projecto "Novas Soluções para o Controlo da Predação nos Animais Domésticos" (AGRO/311) no âmbito do qual este estudo foi desenvolvido; do Departamento de Biotecnologia do Instituto Nacional de Engenharia e Tecnologia e Inovação, onde foi desenvolvida a componente genética deste estudo. ■

Texto: MARGARIDA LÁ SALETE C. GOMES & ANA ELISABETE G. PIRES

Fotos: CARLA CRUZ

